



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



A Arte como Sentimento – Expressionismo Alemão e Novas Releituras de Alice no País das Maravilhas¹

Annyela Gomes Rocha de Oliveira²
Paulo Souza dos Santos Júnior³
Universidade Católica de Pernambuco

RESUMO

Esse trabalho aborda a experiência do ensaio fotográfico “Alice da Aurora”, realizado por Annyela de Oliveira durante a pós-graduação em As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual, no módulo de História e Estética da Fotografia e do Audiovisual, sob orientação do prof. Dr. Paulo Souza dos Santos Junior. O artigo traz informações sobre a estética da fotografia conhecida por “expressionismo alemão” e seus desdobramentos, que influenciam o fazer cinematográfico até os dias atuais. Há também um paralelo entre essa estética e algumas adaptações para o cinema da obra “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol. Essas referências, assim como um ensaio de Anna Gaskell, foram inspirações históricas e estéticas para o ensaio fotográfico e este texto.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; expressionismo alemão; estética; Anna Gaskell; Alice; duplo.

INTRODUÇÃO

Eu caminhava com dois amigos – o sol se pôs, o céu tornou-se vermelho-sangue – eu resenti como que um sopro de melancolia. Parei, apoiei-me no muro, mortalmente fatigado; sobre a cidade e do fiorde, de uma azul quase negro, planavam nuvens de sangue e línguas de fogo: meus amigos continuaram seu caminho – eu fiquei no lugar, tremendo de angústia. Parecia-me escutar o grito imenso, infinito, da natureza. *Edvard Munch* (citado em Nazário, 1999, p. 151)

¹ Trabalho apresentado no GT2 “Fotografia Contemporânea”, Relato de Experiência

² Pós-Graduada em As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual, da Unicap, e-mail: dona.da.tela@gmail.com

³ Doutor em Comunicação pelo PPGCOM-UFPE, professor orientador



**VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023**



O excerto acima, dita por Edvard Munch a respeito de sua obra de 1893, “O Grito”, resume o clima do movimento conhecido como Expressionismo Alemão, no qual a subjetividade revela novos olhares sobre o mundo e as formas de representá-lo.

O movimento surgiu às vésperas da Primeira Guerra Mundial, chegando por último ao cinema de forma tardia quando comparado às outras artes, apenas em 1919. Com influência da filosofia Nietzscheana e da teoria de inconsciente de Sigmund Freud, o Expressionismo Alemão trata antes de tudo de trazer outra forma de observar a realidade e também de negar a burguesia. Assim, os artistas expressionistas voltavam seus olhares aos marginais, às prostitutas, aos ladrões, aos mendigos, muito mais do que para a classe nobre, composta de religiosos, militares, nobres, e do que para própria classe trabalhadora.

Arte do instinto, o Expressionismo Alemão trouxe para as artes os sentimentos humanos, através de cores resplandecentes, pinceladas violentas, preferências ao trágico, sombrio e ao alto contraste, uso extático da cor e distorção emotiva da forma (Mascarello, 2006, p. 72). Não interessava aos artistas refletir o mundo tal e qual ele é, de maneira realista, mas sim expressar um mundo interior, transmitindo emoções e sentimentos.

Além de Edvard Munch, que em “O Grito” conseguiu retratar indiscutivelmente um estado mental de angústia através de sua pintura, outros artistas marcaram o Expressionismo Alemão, a exemplo de Ernst Ludwig Kirchner, Fritz Bleyl, Erich Heckel Karl Schmidt-Rottluff (fundadores do grupo Die Brücke) e Wassily Kandinsky, Franz Marc, August Macke, Paul Klee, Gabriele Münter, Alfred Kubin, Alexej von Jawlensky, Lyonel Feininger, Heinrich Campendonk, Marianne von Werefkin (integrantes do Der Blaue Reiter).

O escritor Kasimir Edschmid tentou explicar o Movimento no manifesto Expressionismo na Poesia, de 1918:

[O expressionismo] reflete as cintilações equívocas da natureza, sua diversidade inquietante, suas nuances efêmeras; luta, ao mesmo tempo, contra a decalcomania burguesa do naturalismo e contra o objetivo mesquinho que este persegue: fotografar a natureza ou a vida cotidiana. O mundo aí está, seria absurdo reproduzi-lo tal qual, pura e simplesmente. (Eisner, 1985, p. 18)



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Esse ensejo por mudar as perspectivas e o desapego total em relação a uma busca por naturalidade são destaques também do movimento expressionista no cinema. A busca pela essência das coisas e a compreensão da realidade como uma criação das nossas mentes são características que atravessam o Expressionismo Alemão em suas diversas abordagens. Definir o movimento do Expressionismo Alemão é uma tarefa complexa, mas é possível perceber algumas características e práticas tanto recorrentes quanto inovadoras nos filmes expressionistas.

Tais aspectos envolvem estratégias específicas com relação a: a) composição (cenografia, fotografia e mise-en-scène); b) temática recorrente (tipologia de personagens e de situações dramáticas); c) estrutura narrativa (modo de contar as histórias e de organizar os fatos). (Mascarello, 2006, p 88)

Destacaram-se o alto contraste, ênfase em formas e padrões, distorção, ângulos não usuais, e um estado hipnótico dos personagens, reforçado através de maquiagem e figurino extremamente estilizados. O filme mais lembrado e associado ao movimento é “O Gabinete do Dr. Caligari”(dir. Robert Wiene, 1919). Do gênero de horror, o filme traz um personagem morto-vivo, que caminha por cenários tão absurdos, cheios de linhas e ângulos, que dão a sensação de ver uma pintura expressionista em movimento, efeito chamado de Caligarismo. (Nazário 1999, p. 203). Com preferência pelas filmagens em estúdio, o diretor Robert Wiene fez outros filmes logo em seguida, incluindo “Genuine”, com painéis pintados pelo pintor Cesar Klein e roteiro de Carl Mayer.



Fig. 2 - Frame de “O Gabinete do Dr. Caligari” (dir. Robert Wiene, 1919)



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Também filmou “Raskolnikow”, inspirado em Crime e castigo, de Dostoievski. Com cenários pintados pelo russo Andrei Andreiev, o filme explorava as alucinações de um jovem assassino. (Nazário 1999, p. 169). Como aponta Lotte Eisner:

Esse método, que consiste em enfatizar e salientar, muitas vezes com exagero, o relevo e os contornos de um objeto ou detalhes de um cenário, se tornará uma característica do filme alemão. (...) Chegarão mesmo a recortar os contornos e as próprias superfícies para torná-los irracionais, exagerando as cavidades das sombras e dos jatos de luz; por outro lado, acentuarão alguns contornos, moldando as formas por meio de uma faixa luminosa para criar, assim, uma plástica artificial. (Eisner, 1985, p. 67)

Outra característica recorrente ao expressionismo é a obsessão com o duplo. O cinema apresenta uma arte que possui um alto grau de objetividade (a imagem vista na tela é um registro objetivo do que foi encenado diante da câmera) e alto grau de subjetividade ao mesmo tempo (afinal, o que se vê no filmesão criações artísticas sujeitas a diversas interpretações) e é nesse contraste que se forma o duplo. As imagens carregam duplos de quem as executou, desde o atorem frente à câmera até o montador, e permitem a projeção de duplos pelos receptores. No duplo, o ser humano alcança a imortalidade.

Edgar Morin (2014, p. 53), antropólogo e filósofo francês, explica essa capacidade de criação de duplos a partir do conceito de fotogenia, que seria essa qualidade de sombra e reflexo, de duplo, que permite as relações de afeto com as imagens cinematográficas; elas funcionam para transferências de imagens mentais. Ele nota também que existem diferentes graus de potência nessas relações, indicando que “(...) quanto mais potente fora necessidade subjetiva, (...) mais essa imagem, ainda que aparentemente e justamente porque aparentemente objetiva, será rica dessa necessidade até adquirir um caráter surreal” (Morin, 2014, p. 42).

No Expressionismo Alemão o duplo costuma sempre estar presente, principalmente através de personagens que são figuras muito semelhantes aos humanos, mas com diferenças, a exemplo da figura do vampiro em “Nosferatu”



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



(dir. Friedrich W. Murnau, 1922). Esses personagens têm a aparência quase inofensiva, e ao mesmo tempo sinistra. O mundo apresentado é o mundo das alterações e simulações. Por todo o pioneirismo em evidenciar o artista como criador de realidades e representações novas de mundo, o Expressionismo Alemão firmou seu lugar de destaque na história da arte e do cinema. Inegavelmente o movimento influencia até hoje um grande número de trabalhos, a exemplo de vários filmes do diretor Tim Burton, como “Edward Mãos de Tesoura” (1990) e a “Noiva Cadáver” (2005), ou obras como “O Homem Elefante” (dir. David Lynch, 1980), “Nosferatu, O Vampiro da Noite” (dir. Werner Herzog, 1979), “Pi” (dir. Darren Aronofsky, 1998), e “A Viagem de Alice” (dir. Jan Svankmajer, 1987).

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS E FILMES EXPRESSIONISTAS

Em “A Viagem de Alice”, o diretor checo Jan Svankmajer trabalhou com *live-action* e *stop-motion* para dar uma vida surreal ao universo da aventureira Alice. Na fábula infantil, a fantasia é utilizada para tratar de questões da vida real. Provavelmente todos os personagens das fábulas infantis mais conhecidas são crianças assustadas diante de grandes desafios. A personagem de Alice não foge à regra, tentando sempre retornar ao mundo da realidade, enquanto vai descobrindo que suas certezas não são mais tão certas assim, ela deixa até mesmo de saber se ela é a Alice certa ou não. Esse universo confuso e cheio de personagens do mundo da fantasia cria um bom repertório para as influências do Expressionismo Alemão.



Fig. 1 e 2 - Frames de “A Viagem de Alice”, dir. Jan Svankmajer, 1987 (fonte: Youtube)

Já mais recentemente, o diretor Tim Burton também dirigiu a sua versão do universo criado por Lewis Carrol, e como o habitual filmou com forte influência do Expressionismo Alemão, com planos angulados, pontos de vista diferentes, figurinos e cenários de cores vivas e contrastadas. Em “Alice no País das Maravilhas” (2010), Tim Burton explorou um olhar sombrio e frio sobre a narrativa, deixando a excentricidade principalmente na caracterização dos personagens. A situação de figuras muito parecidas aos humanos, mas assustadoramente diferente também é bem presente no filme.

Em “O Gabinete do Dr. Caligari” (dir. Robert Wiene, 1919), isso pode ser visto em especial na caracterização do personagem Cesare. Já em “Alice no País das Maravilhas” (dir. Tim Burton, 2010), a caracterização do personagem do Chapeleiro Maluco, interpretado por Johnny Depp, remete ao Cesare, com semelhante palidez no rosto e olhos sombreados. No mesmo filme, a personagem da Rainha de Copas, interpretada por Helena Bonham Carter tem uma caracterização exagerada e bem marcada, e faz parte do grupo de algumas figuras quase humanas, mas com diferenças assustadoras que as distinguem.



Fig. 3 - Frame de “O Gabinete do Dr. Caligari”, dir. Robert Wiene, 1919 (fonte: Youtube)



Fig. 4 - Frame “Alice no País das Maravilhas”, dir. Tim Burton, 2010 (fonte: Youtube)



Fig. 5 - Frame "Alice no País das Maravilhas", dir. Tim Burton, 2010 (fonte: Youtube)

WONDER – ANNA GASKELL



Fig. 6 - Untitled #6 (Wonder), Anna Gaskell, 1996 (fonte: guggenheim.org)

Nascida em 1969, nos Estados Unidos, Anna Gaskell é uma fotógrafa de lowa que já fez várias exposições aclamadas e costuma trabalhar com “fotografia narrativa”, ou seja, fotos encenadas, montadas para a câmera, à semelhança dos sets de filmagem. Gaskell estudou na Bennington College, depois na Art Institute of Chicago, fazendo seu mestrado em Artes na Yale University em 1995.

A fotógrafa convidou duas gêmeas idênticas para encenar uma nova versão de Alice, na série “Wonder”, de 1996, aclamada pela crítica. As fotografias de Gaskell parecem ter um tempo que as atravessa, um tempo que não é presente ou futuro, mas no qual tudo acontece ao mesmo tempo. Alguns elementos nas fotografias têm um toque de absurdo, de deslocamento, e isso é utilizado para evocar um mundo onírico e muito vivo.

A obsessão com o duplo também se faz presente nesse trabalho, no qual duas versões de Alices são contrapostas e colocadas lado a lado, metaforizando desorientação, duplo, perturbação. Uma criança perdida em um lugar novo e desconhecido pode ser algo assustador, e é com esse olhar que Gaskell

costuma trabalhar – com fragmentos de imagens de uma infância que remete à dor e à confusão, sentimentos que provavelmente foram sentidos pelos personagens dos contos infantis.

Gaskell usa uma variedade de pontos de vista sobre as suas personagens femininas, com extremos close-ups, de plongée ou contra-plongée, de perspectivas não usuais e detalhes. Além disso, a fotógrafa concentra o olhar nos pontos certos, utilizando do recorte para enquadrar apenas os objetos principais da cena. Em outras vezes, escurece os arredores do cenário valorizando o personagem e a ação da cena, utilizando de alto contraste, cores brilhantes e iluminação especial, que remete à Caravaggio em alguns momentos. Gaskell aborda uma visão adolescente de mundo, com cores intensas e fortes, valores mais frios e escuros, e em alguns momentos uma iluminação que texturiza principalmente os cabelos. Os ângulos não usuais, cortes diferentes e contraste intenso trazem às fotografias um forte sentimento de incerteza perante o mundo. A artista também tem outro trabalho inspirado no universo de Alice, a série de fotografias intitulada “Override”, de 1997, cuja tradução significa algo como “sobreposição”.



Fig. 7 - Untitled #8 (Wonder), Anna Gaskell, 1996 (fonte: guggenheim.org)



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



ALICE DA AURORA – UM ENSAIO FOTOGRÁFICO

O ensaio fotográfico realizado por mim, Annyela de Oliveira, e que assino artisticamente como Anny Stone, partiu dos universos descritos aqui anteriormente – a forma de ver o mundo do Expressionismo Alemão, somada à perspectiva da Alice que visita a própria mente a partir de novas perspectivas.

A Alice retratada é uma Alice urbana, que caminha entre mangue e pichações do Recife, que sente o cheiro do rio e olha para a lua e as luzes da cidade. Ao invés de gato falante, a Alice da Aurora conversa com um soldadinho, inseto típico local, que aqui tomou uma poção para crescer e ficou grande o suficiente para passear com a Alice.



Fig 8 - Detalhe do Soldadinho “gigante” de cartolina feito para o ensaio
(fonte: autoria própria)

O espelho da Alice é um portal de acesso a todas as perguntas ainda não respondidas, remetendo à eterna busca do eu, busca de si, do self, no próprio reflexo que aqui é questionado repetidamente, potencializando também a referência ao Expressionismo Alemão com sua eterna representação do duplo. Figura humana quase não humana, a Alice da Aurora tem olhos surreais, maiores que normal, mais abertos a enxergar o mundo de maneira expressionista e sentimental.

A inspiração para o ensaio partiu justamente desses olhos, que foram desenhados especialmente para o ensaio. Assim como as fotografias da pioneira Cindy Sherman, o ensaio segue a linha de fotografia narrativa, montada para a câmera a fim de criar uma linha narrativa com as imagens. Aqui, Alice toma o chá

do Chapeleiro, talvez uma poção mágica, que a faz ver as maravilhas no contextourbano-onírico à beira-rio da Rua da Aurora, no Recife, capital de Pernambuco.



Fig. 9 e 10 - Fotos de Making Of do ensaio, feitas por Sidney Rocha (fonte: acervo pessoal)

As fotos foram realizadas com a modelo Natália Amor-in. Para me ajudar com o transporte dos equipamentos e a segurança na rua, convidei Sidney Rocha e Neco Tabosa. As fotografias foram feitas durante o pôr-do-sol e um pouco depois dele. O equipamento utilizado foi uma câmera Canon 6D, com lentes Nikon adaptadas 24 mm f 2.4 e 43-83 mm f 3.5, uma lente RokinonCynelens 85 mm t 1.5, um flash Canon 580EX II e um rebatedor redondo, em alguns momentos com o lado branco e em outros com o lado dourado.

Para a produção das fotografias, tive em mente principalmente o contraste e as diferentes angulações do Expressionismo Alemão, além da vontade de criar momentos lúdicos e invenções oníricas. Para isso utilizei não só o soldadinho gigante, mas também outros objetos de cena com o espelho da Alice, a xícara, e também utilizei ferramentas como lupas para produzir efeitos e distorções.

Para o tratamento das imagens, a principal referência foi o trabalho de Anna Gaskell, com foco para alguns preceitos específicos: Cores contrastadas com reminiscências de Caravaggio, Recorte e tratamento de luz para

valorizar objetos principais na cena. As fotografias foram tratadas no programa Lightroom 6. A seguir é possível observar algumas fotografias e seu processo de tratamento de imagem, baseado nas referências citadas. Na primeira sequência, a fotografia “Alice toma um chá – 1”, sem tratamento, e na seguinte, depois do tratamento, com cores e contrastes realçados, tons escuros e frios, mas bastante saturados. Na sequência seguinte, “Alice desce pelo buraco”, também é possível conferir a fotografia antes do tratamento, e depois, com contraste aumentado, cores reforçadas e outras cores adicionadas ao fundo para reforçar o tom lúdico, e um recorte para valorizar a modelo.



Fig. 11 - Alice toma um chá -1 - fotografia antes do tratamento (fonte: autoria própria)



Fig. 12 – Alice toma um chá -1 - fotografia depois do tratamento (fonte: autoria própria)



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Fig. 13 – Alice desce pelo buraco - fotografia antes do tratamento (fonte: autoria própria)



Fig. 14 – Alice desce pelo buraco - fotografia depois do tratamento (fonte: autoria própria)



**VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023**



REFERÊNCIAS

Carrol, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Zahar, 2010.

Anna Gaskall, página da artista no Museu de Guggenheim. Disponível em:
<<https://www.guggenheim.org/artwork/artist/anna-gaskell>>. Acessado em 20 ago 2023

MASCARELLO, Fernando (org) – **História do cinema mundial**. Campinas, Papyrus, 2006

MORIN, Edgar. **O Cinema ou O Homem Imaginário – Ensaio de Antropologia Sociológica**. 1a. Edição, São Paulo: Realizações Editora, 2014..

NAZÁRIO, Luiz. **As sombras móveis**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.